

## CONTEMPORANEIDADE E APORIA NA POESIA DE ALEXEI BUENO: SER E NÃO-SER

Paula Glenadel  
UFF

O que já fomos, o que arrastamos entre a noite  
e o dia,  
Jamais deixaremos de sê-lo; exceto  
Se soasse para tanto um decreto irrevogável,  
Trombeta inversa sepultando a vida que ainda  
resta aos mortos.  
Alexei Bueno, *A via estreita*

Pretendo, neste breve trabalho, esboçar um exame da produção poética de Alexei Bueno (basicamente nos assim chamados poemas longos, *A via estreita*, *A juventude dos deuses* e *Entusiasmo*, publicados em *Poemas reunidos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998), em função das marcas do retorno de alguns elementos da cultura tidos como superados, embora ainda atuantes, que possam ajudar na compreensão do contemporâneo em sua relação com a herança. Reinventar a herança é a tarefa do contemporâneo, que necessita pensar sua sobrevivência através de mecanismos espectrais de permanência e transformação de um dom do passado, estabelecendo assim a possibilidade de reformulação de um *por-vir*. Tal porvir aparece como promessa fundamentalmente incerta, estruturalmente aberta, que pode a todo instante converter-se em ameaça de fechamento numa identidade ou em ameaça de perda de uma identidade. É nesse contexto, atravessado pela questão da globalização, que se joga a identidade do contemporâneo, entre atual e inatual, na cultura brasileira como na francesa.

Reinventar a herança implica estabelecer uma paradoxal continuidade através da reformulação de uma promessa. A herança aparece aqui, portanto, como "tarefa" e não como simples recebimento ou transmissão de um dom (1). Trata-se de um processo descrito pelo filósofo Jacques Derrida como "ex-apropriação", o trabalho de fluxos simultâneos de desapropriação e de reapropriação de elementos da cultura (2). Tais fluxos de apropriação e desapropriação são espectrais, regidos por uma lógica semelhante à do paradoxo mallarmeano, onde a aparição se torna "extática impotência de desaparecer" (3). O herdeiro desenvolve sua tarefa apropriando-se de um passado espectral (ou sendo assombrado, apropriado por ele); esse passado, por sua vez, desapropria, interrompe, o presente e o futuro, sendo por eles afetado, cumprindo assim de alguma maneira o voto benjaminiano de abolir o olhar historicista dos vencedores da cultura. Pois

O dom de despertar no passado as centelhas da esperança é privilégio exclusivo do historiador convencido de que também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer. (4)

Seria preciso ver na atualidade do presente uma categoria problemática. Mais do que uma modalidade do presente, a atualidade é um meio no qual se está inserido, do qual é difícil distanciar-se, uma vez que ele vem com uma força de imperativo, pois se quer justamente

universal: força exposta, proposta, imposta pelos meios de comunicação que escrevem a "atualidade". Frente a isso, talvez o citado "anacronismo" (5) da poesia de Alexei (traço extensivo a toda a poesia contemporânea definida como discurso residual, obstinado e impertinente, mas que nele, se manifesta com especial intensidade) possa justificar o interesse que vejo em sua poesia.

Em texto dedicado à discussão da atualidade, Derrida afirma:

Há uma maneira anacrônica de abordar a atualidade que não perde necessariamente o que há de mais presente hoje.

A dificuldade, o risco ou a chance, o incalculável, talvez, teria a forma de uma intempestividade que vem a tempo: esta e não uma outra, esta que vem *no momento justo*, justamente por que ela é anacrônica e desajustada (como a justiça que é sempre sem medida, estranha à justeza ou à norma de adaptação, heterogênea ao próprio direito que ela deveria comandar), mais presente que o presente da atualidade, mais dada à singular desmedida que marca a irrupção do outro no curso da história. Essa irrupção tem sempre uma forma intempestiva, profética ou messiânica, ela não precisa para isso nem de clamor nem de espetáculo. (6)

É na anacronia que reside, talvez, a possibilidade de lidar com o tempo e o mundo "out of joint", fora dos eixos, fora dos gonzos. O trágico Hamlet, nascido para vingar, para consertar (7), funciona como uma espécie de personagem conceitual de *Spectres de Marx*, livro em que Derrida busca reavaliar a herança do marxismo, dialogando com os discursos do "fim da história". Hamlet é um dos espectros de Marx, que também está na cultura contemporânea como um espectro ativo. Discute-se, neste texto, a herança como tarefa de fazer justiça. É preciso aqui considerar a estranha anterioridade da tarefa do herdeiro que, mais do que herdar a herança como "herdado", herda a injunção da herança, do herdar. Traço que ele divide com o contemporâneo.

Em Alexei Bueno, a relação com a herança, a necessidade de reinventá-la, manifesta-se numa anacrônica meditação poética sobre restos de mitos, de deuses, de textos poéticos e filosóficos. Tentarei mostrar isso através da citação de alguns fragmentos dos "poemas longos". Em *A via estreita* o tom é assumidamente nostálgico, ainda que atravessado por uma ironia certa:

Não somos, não seremos nunca  
Como Dionisos, ébrio conquistando a Índia  
Entre tambores e tirsos, aclamado das ninfas, dos sátiros,  
(...)  
Mas onde estará ele agora, em que escarpa, em que umbrosa  
Solidão de enlustrados galhos, rirá ainda o pai da alegria?  
Nenhum devoto liba em suas aras, os ecos somente  
Veneram-no ainda. De que rirá, que verá que nós nunca  
veremos,  
O desterrado senhor de um plácido pacto entre os homens,  
Enquanto nós por aqui, às seis horas da tarde,

Em meio às latas de lixo, descemos em bando às entranhas da terra?

(*A via estreita*, Ode IX, p.33)

Em *A juventude dos deuses*, encontra-se a mesma dicção híbrida (ao mesmo tempo excessiva e heteróclita) que coloca em contato ruínas da Antigüidade e traços do cotidiano urbano:

Enquanto bilhões de sombras ditas humanas respiram sobre a terra,

Faz amor com um telefone. Geme. Geme.

Como a pítia da não decaída voz

Que não pode ser nossa agora.

Faz amor com um telefone. Nem com animais

Como o exilado profeta fulminou. Nem contra a natureza

Como todos os doutores amaldiçoaram. Nem com cadáveres

Como os loucos insuperáveis sangrando as unhas na noite.

(*A juventude dos deuses*, III, p.50)

Alexei retrabalha o discurso poético e filosófico ocidental de que é herdeiro; o contemporâneo brasileiro em sua poesia fala, *spectralmente*, da nostalgia da "juventude dos deuses" e dos mitos, encontrando-se com a reflexão de Michel Deguy pelo pensamento do sublime como "resto". Ao indagar-se sobre o que resta do "sublime" para o último herdeiro, para nós, os contemporâneos, os "tard venus", Deguy problematiza a questão da herança e propõe a categoria do "inapagável" (8) para designar a existência fantasmal de fábulas e mitos, da letra que torna possível qualquer inscrição no corpo discursivo ocidental, ainda que ela tenha necessariamente que passar por uma "profanação", sem o que não sairíamos do ciclo infernal do eterno retorno repetitivo do mesmo. Herdar é desfigurar, desnaturar, inverter, perverter, algo que nos é imposto por uma transmissão fantasmal, algo que é para nós ao mesmo tempo muito próximo e muito distante.

Em *Entusiasmo*, as figuras do passado, em cuja caracterização mais uma vez se mesclam o registro coloquial da cidade e comparações inspiradas na cena da cultura clássica, aparecem como espectros mudos que cabe ao poeta conjurar.

Lembro-me, faz muitos anos,

Na esquina de Relação e Inválidos,

De um mendigo gesticulante e hirsuto defecando na calçada.

Ah! Incancelável,

Incancelável como os cruzeiros noturnos do imperador Luís II da Baviera,

Incancelável como a procissão triunfal de Tito voltando da Judéia,

Incancelável como a quase-coroação de Tasso sobre o Capitólio,

Incancelável como a chegada do Gama em Calicut, incancelável

Como a explosão obscura que arrancou a lua do corpo da Terra.

(*Entusiasmo*, p. 84)

Em movimento semelhante ao descrito em *Spectres de Marx*, é preciso *conjur*ar esses espectros (no duplo sentido do termo, chamá-los, invocá-los, convocá-los para fazer com que possam partir e não mais retornar, e talvez inclusive no sentido de conspirar com eles para a manutenção-reformulação da promessa). É preciso atender a essa demanda muda de justiça - de voz, de "prosopopeização", como diz Michel Deguy:

A emoção prosopopeiza o objeto comovente, o faz falar. "Nós" tornamo-nos presentes um ao outro. A emoção "fabula" ("*affabule*") ("faz firula"?) ("*affuble*"?) a partir do percebido. Chama-se a isso também *calor*: o calor derrete a distância; a reticência, a resistência ao *sentido*, a abstinência do sentido. A "frieza" é "irônica"; ela reduz a coisa ao seu "apenas"; afasta-a.  
(9)

Assim, Alexei propõe

Que todos apareçam,  
Que compareça tudo  
Na praça central da embriaguez,  
Centro da cidadela do Mistério  
No coração do Monstro, que é o nosso  
Coração.

(*Entusiasmo*, p.103)

A dança aparece no poema como expressão dionisíaca da dissolução no todo, da fluidez, do "fluxo", da reformulação de um modo de consciência que tende a separar realidades estanques; meio que reflete o trabalho da expressão poética, nascida da aproximação das realidades mais distantes por meio da deriva das imagens, da comparação.

Dançamos. Dançamos. Ei-las, as boas palavras.  
Ei-la, a embriaguez.  
É preciso segurar a mão de alguém, para não perder-se no fluxo.  
Olho para um lado,  
Olho para o outro,  
E seguro na destra do ancestral  
Espectro hirsuto e loquaz  
Da esquina anulada de Relação e Inválidos, há muito tempo.  
(*Entusiasmo*, p.106)

O ancestral é descrito como espectro loquaz porque o poema criou um espaço para que sua voz se faça ouvir. Haveria aqui uma seleção do herdado, uma redefinição da herança, uma

avaliação, uma transvaloração, em termos que quero filiados à abordagem nietzscheana, cujo tratamento do tema do "inatural" fornece bases ainda válidas para o questionamento contemporâneo da cultura (10). Dessa disposição dependeria a própria possibilidade de recriar fábulas a partir da letra "morta" - *spectral* - das fábulas tornadas inacreditáveis para a contemporaneidade,

Se para Hamlet a questão entre ser e não-ser acaba designando um espaço paradoxal, spectral, entre ausência e presença, do mesmo modo, para o contemporâneo, a questão não pode se colocar em termos de "ser ou não ser", mas assume a forma de uma urgência, de uma dupla injunção: é preciso "ser E não ser", correr o risco do anacronismo para tentar a chance de ser "atual", de falar desde um presente que não se deixa igualar a si mesmo.

Curiosamente, outro elemento da obra de Alexei (especialmente em *A juventude dos deuses*) consiste na retomada da reflexão parmenidiana sobre o tempo. Ora o poema se alinha com a enigmática formulação da tese de Parmênides - "o ser é; o não-ser não é" (11):

Tudo o que se passou  
É mentira  
Porque o que é o ser  
Não pode nunca mais deixar de sê-lo.  
Ontem nunca existiu, não te levantaste nem dormiste.  
A hora que passou não passou, e tudo foi, é mentira,  
unicamente mentira.  
Algo está aqui, mas este algo não é o teu passado  
Nem o do mundo, nem o do Universo.  
Nunca nada existiu.  
(*A juventude dos deuses*, I, p.43)

Ora afasta-se dela, dialogando com o argumento de Zenão de Eléia, discípulo de Parmênides:

Ai daquele que primeiro  
Disse à flecha: não voas!  
E à tartaruga que por certo alcançaria o forte Aquiles.  
(...)  
Era esse o caminho sem volta para a grande caverna  
Onde duas sendas se bifurcam.  
Ali, onde não entra nunca a luz do sol  
Nem vento sopra, nem a chuva desce,  
Ali, na extraviada fumaça  
Onde os atalhos se separam  
Ao ser ou ao eu terá que seguir o caminhante.  
Mas qual resistirá a esse eu, fantasia do vácuo, inconsistente  
visão que se  
[empavona,  
O nunca havido, onde a relva não cresce,  
Onde nunca bateram ondas, onde não se despede o crepúsculo?  
(*A juventude dos deuses*, IV, p.52)

O enigmático enunciado vem desafiando os intérpretes (poderíamos citar entre eles grandes nomes próprios da metafísica ocidental, como Aristóteles, Platão, Heidegger). Pois para pensar o não-ser, alguma existência é preciso conferir a ele. Concebo ou pelo menos imagino o não-ser quando afirmo que ele não é. Não deixo, portanto, de dar-lhe uma estranha consistência lingüística, espectral, quando tento sondar seus limites. Do mesmo modo que retiro consistência fenomenológica e fantasmalizo o ser quando digo com minha linguagem que ele é. Uma dimensão propriamente fantasmal, atravessando esse enunciado, *denega* a presença do não-ser ao mesmo tempo em que *spectraliza* a presença do ser. São inquietações despertas na poesia de Alexei, uma poderosa dicção dedicada a cantar os paradoxos e as aporias que nos compõem, nós que, para sermos atuais para com nosso presente, devemos ao mesmo tempo ser **E** não ser (atuais, por exemplo).

#### NOTAS

(1) Pois a herança não está dada, "Un héritage ne se rassemble jamais, il n'est jamais un avec lui-même. Son unité présumée, s'il en est, ne peut consister qu'en l'injonction de réaffirmer en choisissant." Derrida, J. *Spectres de Marx*. Paris: Galilée, 1993. p.40.

(2) Movido pelo reconhecimento da ambivalência desses fluxos, que se dão sempre em "mão dupla", Derrida fala de "ex-appropriation", entendida como "des-enraizamento" e "re-enraizamento", desapropriação e reapropriação concomitantes. "Foi et savoir. Les deux sources de la "religion" aux limites de la simple raison". *La religion*. Orgs. J. Derrida e G. Vattimo. Paris: Seuil, 1996. p.56.

(3) Mallarmé, St. apud Deguy, M. "De la contemporanéité. Causerie pour Jacques Derrida". *Le passage des frontières. Autour de la pensée de Jacques Derrida*. (Colloque de Cerisy 1992). Paris: Galilée, 1994. p.224.

(4) Benjamin, W. "Sobre o conceito de história". *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Vol. I. São Paulo: Brasiliense, 1994. Fragmento 6. p.224.

(5) Cf. o comentário de Ítalo Moriconi: "A força da poesia de Alexei vem mais de sua intrínseca qualidade estética do que daquilo que tem a dizer, embora tanto num campo quanto no outro trabalhe fundamentalmente com o *anacrônico*, colocando-se militantemente contrária à modernidade". "Pós-modernismo e volta do sublime na poesia brasileira". *Poesia hoje*. Org. Celia Pedrosa & alii. Niterói: EdUFF, 1998, p. 22. Estranhamente, mais adiante, Ítalo aponta como diferença entre Carlito Azevedo e Alexei Bueno a estética de cada um, "bom-gosto" de um e o "gosto duvidoso" do outro. Idem.

(6) Derrida, J. "Artefactualités". *Échographies - De la télévision*. Paris: Galilée, 1996. p.17.

(7) "Hamlet est 'out of joint' parce qu'il maudit sa propre mission, le châtimeur qui consiste à devoir châtier, venger, exercer la justice et le droit sous la forme des représailles; et ce qu'il maudit dans sa mission, c'est cette expiation de l'expiation même; c'est d'abord qu'elle lui soit innée, donnée par sa naissance autant qu'à sa naissance. Donc assignée par (ce) qui advint avant lui." Derrida, J. (1993) p.45-46.

(8) Tomo a liberdade de indicar aqui minha proposta de abordagem do conceito, em "Inapagar o inacreditável: notas sobre poesia e tradução em Derrida e Deguy". *Prismas. Em torno da poesia*. Org. Francisco Venceslau dos Santos. Rio de Janeiro: COC (Centro de Observação do Contemporâneo), 1999.

(9) Deguy, M. *L'Énergie du désespoir* ou d'une poétique continuée par tous les moyens. Paris: P.U.F., 1998. p.7.

(10) Especialmente em Nietzsche, F. *Seconde considération intempestive*. De l'utilité et de l'inconvénient des études historiques pour la vie. Paris: Flammarion, 1988.

(11) Na tradução brasileira de Gerd Borheim (org.), *Os filósofos pré-socráticos*. São Paulo: Cultrix, s.d. p.55.

Paula Glenadel  
Rua das Laranjeiras 363/505  
22240.002 Rio de Janeiro RJ  
paulag@uol.com.br